

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

da Academia Brasileira

HOMENS E LIVROS



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES RANTS-PÈRES, 6
PARIS

1902

*Ao meu querido Amigo
João de Carvalho Mourão*

CARTA

Meu querido Amigo,

Uno o teu nome a este volume de ensaios críticos, em testemunho de um affeto mútuo que nem distância nem tempo diminuirão jamais, e em lembranças das nossas antigas e saudosas conversações, que se prolongavam por horas esquecidas, correndo atravez de todos os assuntos que podiam interessar a dois amigos da nossa edade e das nossas tendencias intellectuaes. Todos os escritores de que eu falo neste livro, ou quasi todos, foram muitas vezes recordados, estudados, discutidos por nós, naquellas palestras inolvidaveis, ora pelos arrabaldes encantadores do meu Rio de Janeiro, ora pelos deliciosos atalhos campes-tres e montezes do teu São João d'El-Rey, quando lá andávamos ambos em quotidiana intimidade. Olha; o exemplar das poesias de Leopardi, onde primeiro conheci o grande Poeta italiano, e que me serviu de texto para o es-tudo que lerás aqui, foi precisamente um pequeno volume de edição florentina que me deste e eu conservo preciosamente.

Já pertencem ao passado aquellas conversações; a vida, que tem tantas melancolias — e as contínuas separações

são as maiores — a vida apartou-nos um do outro; hoje é com o oceano de permeio que trocamos de quando em quando algumas cartas. Eu vim para a diplomacia, e continuei a cultivar as letras com a mesma paixão de outr'ora; tu te engolphaste cada vez mais nos teus arrazoados forenses, e só de fugida, assim, de longe en longe, farás alguns versos que não mostras a ninguem. Mas o crescente labor de uma profissão tão absorvente e positiva não te esterilisou o espírito como não te endureceu o coração. Dedicando ao Direito o mais da tua actividade, tu não o estudas como uma serie de fórmulas tabellioas, intricadas e convencionaes, mas como a expressão vária e homogenea, progressiva e eterna, de um dos mais altos ideaes da Razão Humana; e, por muito tempo que tomem autos e códigos, achas sempre algumas horas, mesmo roubando-as ao sonno, para ampliar e completar a tua cultura, pela curiosidade da sciencia, pelo gôsto da philosophia, pelo nunca extinto amor da litteratura e da arte.

Por isso eu sei que este livro, humilde fruto da minha convivencia intellectual com tantos gloriosos representantes da nossa Especie, te ha-de interessar, não só pela amizade que nos liga, mas ainda pelo caracter proprio da obra, pelas idéas e observações nella desenvolvidas ou apenas esboçadas.

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

Villino Chigi — Ariccia — 12 de Agosto de 1901.

LEOPARDI

I

Ao escrever o nome de Leopardi, que brilha hoje luminosíssimo de gloria italiana e universal, eu não posso ainda, apesar dos esplendores festivos da sua apotheose, defender-me da angustiosa impressão que me causa a lembrança d'esse grande homem, da sua vida, do seu destino. Por que, realmente, desde que no mundo nasceu a dor com a existencia, não houve entre os filhos misérrimos de Adão outro mais infeliz que esse. Nem o bíblico Job raspando as suas chagas com fragmentos de telha, nem aquelles a que a残酷de oriental vasava os olhos ou arrancava a lingua, nem os que em Roma eram arrojados ás gemonias, nem os que na edade média soffriam o supplício da gotta d'agua ou as torturas do borzeguim, nenhum d'esses padeceu mais que o desgraçado Poeta, que espantou e commoveu o século com os lúgubres lamentos do seu deses-

pêro. Leopardi encarnou como poucos o typo do versículo sacro :

*« Homo natus de muliere,
Brevi vivens tempore
Reflectur multis miseriis. »*

De tal modo o formou a Natureza, de tal modo o completou o mundo, que elle nos apparece como um d'esses antigos Predestinados, que marcava irrevogavelmente o séllo fatídico, e que tinham, não só o dever, mas a propria vocação do sofrimento. Byron nunca pôde perdoar á sorte o tel-o feito coxo de nascença; era, entretanto, bello como um anjo rebelde, e rico, e tão forte que atravessou a nado o Hellesponto, e tão sedutor que teve um cortejo de mulheres semelhante ao de Don Juan. Conheceu os prazeres em toda a sua vária intensidade; e se, aborrecido d'elles, quiz morrer na Grecia por uma nobre causa, foi por ter comprehendido que o seu genio, para a prova suprema da posteridade, precisava lavar-se das máculas da orgia em um baptismo de sangue generosamente derramado. A doença o levou antes da batalha; e essa foi talvez a maior das suas decepções... Giacomo Leopardi, contemporaneo do nobre lord, nascido no palacio da sua illustre familia em Recanati, em época de tristezas para os seus e para a Italia, teve desde criança ínole reflectida e séria, e, como elle mesmo disse, muito propensa á melancolia. Assombrosamente precoce, depois de curtíssima infancia, passou encerrado na biblioteca paterna, em austeros estudos, os annos que os rapazes passam de ordinario ao ar livre, em livres exercícios que robustecem os músculos,

sem prejuizo da instrucção adquirida a pequenas doses. Mas o campo, o sol pouco o atrahiam então; entoxicado prematuramente por uma curiosidade insaciável, só pensava em ler, em investigar, em saber. E quando á noite, exhausto do trabalho, se recostava á janella aspirando a frescura que subia dos jardins, e acompanhando com a vista o lento curso dos astros no firmamento, o espetáculo da noite silenciosa e indefinida lhe causava um enterneecimento excessivo, em que já havia algo móbido. Elle o revela em *La sera del dì di festa*, comparando o sonno tranquillo da mulher amada com a sua inquieta vigilia :

Nella mia prima età.
. alla tarda notte
Un canto che s'udia per li sentieri
Lontanando morire a poco a poco,
Gia similmente mi stringeva il core.

Ainda mais violenta impressão se traduz em uma carta que elle escreve com vinte e dois annos ao seu illustre amigo Giordani : « Uma d'estas noites, antes de deitarme, aberta a janella do meu quarto, vendo um ceu puro, um bello raio de lua, ouvindo uma brisa tépida e uns cães que ladram ao longe, despertaram-se-me certas imagens antigas, e me pareceu sentir um choque no coração, de tal maneira que me puz a gritar como um doido, pedindo misericordia á Natureza, cuja voz me parecia escutar após tanto tempo... »

Quando os homens na sua maioria começam apenas a lançar as bases da propria individualidade, elle já tem o espírito plenamente formado e emancipado; a sua cul-

tura é vastíssima, nada das grandes obras clássicas lhe é estranho, e interessam-no também os poetas e philosophos modernos. Quasi menino, compõe um tratado sobre os *Erros populares dos antigos*, que prova, além de raro talento, madureza de idéias ainda mais rara em tal idade.

Mas, em compensação, os longos esforços mentais, sem o contrapêso da actividade física, bem depressa lhe destroem para sempre a saúde. « Arruinei-me — confessa — com sete anos de estudo louco e desesperadamente, no tempo em que se me ia formando e se me devia consolidar a compleição. E arruinei-me infelizmente e sem remédio para toda a vida, dando-me aspecto miserável e desagradabilíssimo a toda aquella parte do homem que é a única em que reparam os mais d'elles... e não sómente a estes, mas a quem quer que seja, é força desejar que não falte à virtude certa graça exterior, e encontrando-a sem nenhuma, tem-se tristeza, e, por lei da natureza que nenhuma sabedoria pode vencer, quasi não se sente coragem de amar o virtuoso em que nada é bello senão a alma. Esta e outras miseras circunstâncias poz a fortuna na minha vida, dotando-me de tal sagacidade a intelligencia para que eu as visse claramente e conhecesse o que sou, e o coração para que este soubesse que lhe não convém a alegria, e, como vestido de luto, tomasse a melancolia para companheira eterna e inseparável... »

E' afflictivo seguir no epistolario de Leopardi e nos amigos e parentes a história das suas enfermidades, cada vez mais graves e crueis. Debil e mesquinho corpo, habitáculo de uma alma desejosa de acções grandes, e

sempre dolorida por que os orgãos impotentes não lh'as permitem... A neurasthenia, efeito principalmente dos excessos de trabalho cerebral, o empolga bem depressa para nunca mais o largar. Basta a mais ligeira imprudencia, no seu regimen rigoroso, para causar-lhe perturbações sérias, tão fraco é o seu estómago, tão fracas são as suas vísceras todas. Um golpe de ar, um raio de sol o prostram, as temperaturas extremas lhe são funestas; quer no verão, quer no inverno, ella está quasi sempre mal; só na primavera e no outomño lhe volta, com alternativas mais ou menos bruscas — quando lhe volta — uma relativa saude... Às vezes inflammam-se-lhe os olhos de tal modo que durante mezes a fio lhe é impossivel escrever ou ler duas linhas; outras vezes o organismo inteiro lhe cahe em um desfalecimento tão profundo que não resistiria ao esforço mais infantilmente pequeno; e eis-o condemnado a uma reclusão absoluta, a um ocio forçado e penosíssimo, com a mente cheia de imagens e idéias, mas sem a aptidão física precisa para as aproveitar literariamente.

A sua existencia é de uma austerdade ascética por necessidade; quem comprehende Leopardi a fazer, por um dia sequer, vida de rapaz, vida alegre? Elle se conhece, e diz: « O menor prazer me mataria... » Ora, se é nobre e bello vencer por virtude a natureza, é duro ver que ella propria nega a um ente superior a banal robustez muscular de qualquer homem commun.

Mas o que mais o consterna, a elle, poeta e pensador de altas ambições espirituais, é a dificuldade crescente de trabalhar; os livros, a formosa harmonia dos versos, as creações da arte, os ensinos da história, as investiga-

gações da philosophia e da philologia, os mágicos encantos que offerece aos iniciados a religião serena das idéas o consolariam de muitos desgôstos, lhe revestiriam a alma de uma salutar indifferença pelas cousas vans e passageiras... Mas quando esse mesmo refúgio falta, a vida se reduz a « tédio e pena »... Nas suas cartas elle se queixa d'isso a cada instante.

E' nos intervallos — nem sempre tranquillos — das longas enfermidades, que busca recuperar o tempo perdido, estudando e escrevendo... Por isso aquellas páginas magistraes, realmente *concebidas na dor*, ainda maior respeito nos devem inspirar.

Cada anno que passa mais precaria e vacillante lhe torna a saude. Antes dos trinta, já nada lhe resta do aspecto juvenil; semelha um velho, um quinquagénario; é o que vemos nos seus retratos do natural, e nos bustos feitos depois da sua morte, como no recente e magnífico do glorioso escultor Giulio Monteverde. E o rachitismo não só lhe dá apparencia senil, mas o deforma. Essa dupla corcunda, que desde rapazinho o expunha aos motejos dos garotos em Recanati, e mais tarde lhe attrahiu remoques crueis de uma mulher querida, de quantos supplicios íntimos, de quantas humilhações amargas lhe foi causa! Ser homem de genio e ser aleijado! Possuir na intelligencia as faculdades que cream as cousas mais bellas, e, não podendo com ellas modifcar a materia, ter de arrastar o corpo como um sambe-nito ridículo, como invólucro brutesco de mal amassada argilla!...

Para redobrar o peso de tal infortunio, tinha Leopardi aquella sensibilidade excessiva e anormal que tantas ve-

zes o levou a invocar a morte, única que o podia libertar das cruciantes enfermidades e das angústias infinitas... Hyperesthesia não menor no moral que no physisco.

Honesto e terno, o coração doia-se de qualquer injustiça, de qualquer ingratidão; e a vontade, naturalmente indecisa, peiada ainda pela falta de accão exterior e pelo abuso da analyse especulativa, se reconhecia desarmada para as lutas da vida, e ante a necessidade de uma resolução, mesmo secundaria, envergonhava-o com as suas vacilações irremediables...

Um homem assim organizado só chegaria a ser relativamente feliz — absolutamente não o seria nunca — se o rodeasse desde a infancia um conluio de carinhos inteligentes e dedicados, dispostos a poupar-lhe os motivos mínimos de contrariedade. Leopardi não teve essa ventura.

Que apoio seria para elle um cálido amor de māi! Mas a māi do Poeta — senhora austera, de carácter inflexivelmente enérgico, — tinha os defeitos das suas qualidades, mais varonis que femininas. Era d'essas que se guardam ciosamente de qualquer fraqueza, e consideram fraqueza a ternura. Nella dominava só a razão, fria e rígida; com a razão dirigia Donna Adelaide Antici todos os da familia e da casa, começando pelo marido; com a razão, tendo a seu serviço um duro regimen de economia, tratava de reparar as perdas graves do património doméstico. Nada doce e compassivo, sympathico e atrahente, na sua virtude; na sua religião, profunda mas estreita, nenhum d'aquelles impulsos de affecto transbordante em que a alma busca o seu Creador como a fonte da misericordia e da indulgência infinita: em vez d'isso,

uma severidade séca e quasi fanática. A irman querida de Leopardi escreve a respeito d'ella : « Entre os outros motivos que tornaram tão triste a minha vida e estancáram em mim os mananciaes da alegria e da vivacidade... um é ter em mamãi uma pessoa ultra-rigorista, um verdadeiro excesso de perfeição christan, que não podeis imaginar qual dose de severidade ponha em todos os pormenores da vida doméstica ». (1) E o proprio Poeta provavelmente pinta sua māi naquellas páginas impressionadoras dos *Pensamentos*; era ella a matrona que não compadecia, mas invejava os pais que perdiam seus filhos na infancia, e, se nos seus proprios via signaes de morte próxima sentia um júbilo profundo; que considerava a belleza uma desventura, e agradecia o Deus, não por heroismo, mas por espontanea vontade, os filhos que tinha feios ou disformes... Carducci, no seu magnifico livro recente (2), cita um facto bem proprio para confirmar essa idéa : que Zamboni, liberal italiano, em 1847, dez annos depois de morto Leopardi, indo visitar com veneração a sua casa em Recanati, e entrando no quarto onde elle nascera, viu ahi a māi do Poeta, « magistosa, austera, de cabellos branquíssimos. » « Então, narra elle, exclamei com entusiasmo, mostrando um retrato de Giacomo : « Bemaventurada aquella que te concebeu ! » Mas ella não se alterou... E só, levantando os olhos ao ceu, exclamou : « Deus lhe perdoe ! » — « Não ha dia, — ajunta Zamboni, — em que de tal me não lembre com terror. »

(1) Cit. em *Leopardi*, de F. de Roberto.

(2) *Degli spiriti e delle forme nella poesia di Giacomo Leopardi*.

No Conde Monaldo, seu pai, certamente mais terno de coração, podia Leopardi encontrar um amigo seguro. O affecto que os unia era sincero e reciprocó. Muita semelhança de gôstos os approximava; ambos eram intelectuaes, apaixonados por letras e philosophia, e embora o genio do filho tenha relegado á sombra das obras de um dia os escritos de Monaldo, alguns d'elles são dignos de nota pela originalidade dos conceitos e pela riqueza da doutrina. Mas, alem das desegualdades de humor, dos caprichos imprevistos de temperamento, communs a ambos, havia, em contraste com aquella semelhança de gôstos, um antagonismo de opiniões e tendencias que o tempo, tornando o velho com a rabugice dos annos mais teimoso, o moço com a audacia crescente da juventude mais senhor do si, só podia augmentar e agravar. Postos pelo destino em um desses períodos históricos de transição — quasi de ruptura — em que o caminho da humanidade se bifurca bruscamente, a diversidade das idéas os obrigava a tomar direcções oppostas. Podiam separar-se docemente, sem discussões inuteis, trabalhando cada qual por seu lado; unidos pela cordialidade dos sentimentos, viveriam em paz, evitando, como se faz tantas vezes entre amigos, tocar nos pontos de divergencia. Mas aquelle era um momento de áspera luta; a tolerancia, na sociedade convulsionada desde a Revolução, era difficil ainda. E Monaldo, que aprendera com a mulher a ser autoritario, não se limitava a sustentar as suas opiniões : queria impô-las no filho.

Queria, sobretudo, mantel-o em condições de dependencia perpétua, por que assim comprehendia e exercia o patrio poder, nos moldes da legislação antiga. Era,

de facto, antigo em tudo : detestava cruentamente quanto se chamassem moderno ; ora, o Poeta — que professava aliás um verdadeiro culto pelos monumentos de genio antigo, e na fórmula foi, realmente, entre os escritores deste século um dos mais clássicos — tinha a alma profundamente moderna, alistava-se, nos combates de então, entre os soldados do futuro, preferindo o aneio d'elle, com todas as suas indecisões, com todos os seus perigos, á immovel adoração do passado. De tal desharmonia nasceram os frequentes conflitos que a ambos enveneraram a vida, e que, sem extinguir o mútuo affecto, o arrefeceram muitas vezes. Eu creio que, como nos diz o Sr. Giovanni Mestica, em uma conferencia commemorativa (1), elles sempre se quizeram extremosamente ; mas não tão tranquillamente como da leitura d'ella se poderia deprehender. Mesmo, se tanto insisto nessas desavenças, é por que ellas foram para Leopardi uma das causas mais graves de soffrimento. Monaldo orgulhava-se do filho, considerava-o o primeiro literato da península ; mas exercia sobre as suas idéas, sobre os seus actos, uma fiscalisação rigorosa e incómmoda, como se elle fosse eternamente criança ; e quando o seu nome já resoava em clamores de celebridade pela patria e fora della, ainda o submettia a uma verdadeira escravidão em Recanati, negava-lhe dinheiro para as despezas mais necessarias, mexia-lhe nos papeis e nas cartas, intervinha nos seus negócios com os editores, chegando a escrever a um d'esses para prohibir-lhe que reimprimisse os já famosos versos *A' Italia*. Vêde que situação intole-

(1) *Lo svolgimento del Genio Leopardiano.*

ravel para um caracter altivo como o de Leopardi, que se recusava a pedir, e não tinha sequer a liberdade de ganhar a vida por si, pois um déspota bem intencionado, mas nem por isso menos duro, tentava aprisionar-lhe o proprio genio.

Revoltado, elle planeou fugir de casa para sempre ; e quando mais tarde pôde emfim sahir de Recanati, temia como infernal martyrio a necessidade de morar outra vez lá. No lar sombrio, dois corações o sabiam amar, douos espíritos o comprehendiam : seu irmão Carlos e sua irman Paulina.

Mas eram almas gemelas da sua, atormentadas tambem pela nevrose e pela dúvida e pela melancolia ; partilhavam as suas dores, não as podiam curar. Eram como duas áncoras que prendiam a nau do seu destino no oceano da vida, não quietas e solidamente cravadas no fundo, mas sacudidas a cada instante por frémitos de correntes submarinas e choques pavorosos de cacylmos...

Se a casa paterna lhe parecia estreita, a cidade natal, essa, lhe era odiosa. As suas invectivas contra Recanati são violentas como as de Dante contre Pisa, « *vitapero delle genti* ». Recanati uma cidade pequena ; meio termo particularmente hostil a homens de alto engenho, sem a liberdade do campo nem a dos grandes centros, faltando-lhe, diz o proprio Leopardi — « os encantos da sociedade cultas e as vantagens da vida solitaria. » Em taes povoações não ha evitar tagarellices, intriguinhas, maledicencias tolas, por que a vida de cada um é assunto forçado para todos, e nem o mínimo facto passa despercebido. Além d'isso, a opinião pública ahí é mesquinha,

atrazada, com mil preconceitos de aldêa. Um espírito superior fica sempre incomprehendido, e soffre uma implacavel guerra de alfinetes. Assim, Leopardi, para a maioria dos seus conterraneos, não é o excuso Poeta, o Philósopho audaz e original ; é o rachítico, é o aleijado, e sobre a sua giba se despenham, como bichos máus de dentes anavalhados, as sátyras mais cruéis.

Elle acerbamente se queixa : « Eu aqui estou ridiculisado, cuspido, escouceado por todos, passando a vida inteira em um quarto... » « Ninguem se dignará crer-me seu igual ; mas desprêzos e escarneos só espero, e recebo de quantos vejo e trato... »

Offendido, vinga-se com a pena : « Não conhece de certo Recanati — escreve a Brighenti — mas saberá que a Marca é a mais ignorante e inculta província da Italia. Ora, por confissão mesma de todos os Recanatenses a minha cidade é de toda a Marca a mais inculta e morta... » « Cada dia me parece mil annos enquanto eu não fugir d'esta immunda cidade, onde não sei se os homens são mais asnos ou mais tratantes, sei que todos são uma e outra cousa... »

E ainda, nos versos de *Le Ricordanze* :

Nè mi diceva il cor che l'età verde
Sarei dannato a consumare in questo
Natio borgo selvaggio, intra una gente
Zotica, vil, cui nomi strani, e spesso
Argomento di riso e di trastullo,
Son dottrina e saper.....

Havia nisso exageração de repugnancia e despeito ? havia sem dúvida, embora razão houvesse tambem ; Recanati, se o feriu a principio, reparou mais tarde o erro,

é entre outros testemunhos de apreço, lhe deu o de ele-gel-o seu representante na Assembléa das Províncias Reunidas em 1831. A carta com que Leopardi respondeu a essa escolha annullou virtualmente, pelas suas expressões de gratidão affectuosa, todas as diatribes anteriores.

Mas a verdade é que em parte nenhuma elle se podia sentir bem. O seu temperamento, como de muitos nevropathas, tinha por base um incontentamento perpetuo e um anhelo insaciável de mudanças.

O que estava ao alcance da mão era sempre desdenhável e aborrecível; bello e digno do desejo só o bem ausente, que a imaginação aformoseava sem o attingir... Nem Roma, a veneranda, nem a deliciosa e edénica Florença, nem a estudiosa Bolonha, nem a docemente melancólica Pisa, nem a sempre activa Milão, nem Nápoles, risonha, foliona e graciosamente epicurista, conseguiram encantal-o e prendel-o; com igual ardor suspirava por ellas, e uma vez conhecidas, as repudiava.

De resto, a Italia toda, a Patria que elle chamava māi, Leopardi a queria muito outra do que era então, e ao contemplal-a, escrava manietada, carregada de ferros estrangeiros, sobre as ruinas da sua grandeza, os olhos se lhe marejavam de prantos, a garganta se lhe afogava em soluços e imprecações. Nasceu e cresceu menino durante as invasões e o dominio dos Francezes, soldados da República primeiro, depois do Imperio ; e ainda a Italia não se levantara completamente d'aquelle servidão, quando outra peor — a dos Austríacos, então seus inimigos naturaes, que ainda hoje conservam um resto de territorio irredento — veio affligil-a e humilhal-a. E nos

Estados, onde os Italianos tinham pelo menos autonomia política, as idéas liberaes, que o Poeta cordialmente professava, eram perseguidas por subversivas, e felizes os seus propagadores quando não cahiam nas garras de príncipes, que, como os Bourbons das Duas Sicilias, no pesadelo de terror se cevavam em ferocidades de Claudio...

Então, lampejam-lhe deslumbradoras na mente as glórias do Passado — a soberania romana, as lutas victoriosas pela primeira formação da nacionalidade, a supremacia artística e commercial da Renascença, tudo o que fez da Patria a educadora dos povos modernos; e o Poeta — moço de vinte annos apenas — exclama.

O patria mia, vedo le mura e gli archi
E le colonne e i simulacri e l'erme
Torri degli avi nostri,
Ma la gloria non vedo,
Non vedo il lauro e il ferro ond'eran carchi
I nostri padri antichi. Or fatta inerme,
Nuda la fronte e nudo il petto mostri.
Oimè quante ferite,
Che lividor, che sangue!
..... E questo è peggio,
Che di catene ha carche ambe le braccia;
Si che sparte le chiome e senza velo,
Siede in terra negletta e sconsolata,
Nascondendo la faccia
Tra le ginocchia, e piange.
Piangi, che ben hai donde, Italia mia,
Le genti a vincer nata
E nella fausta sorte e nella ria.

Pergunta quem a reduziu a tal miseria ; ninguem ha

então que a defendá ? Elle ao menos quer batalhar por ella :

L'armi, qua l'armi ; io solo
Combatterò, procomberò sol io.
Dammi, o ciel, che sia foco
Agl'italici petti il sangue mio.

Ah ! compondo taes versos (e quantas vezes depois ao relel-os !) deve elle ter pensado na ironia do destino que, accendendo-lhe no peito um patriotismo de chamma voraz, lhe negou até a robustez precisa para sustentar ao hombro uma espingarda, e marchar com ella para o campo ! Não, elle jamais poderia ser nem soldado raso em defesa da Italia. Era inválido de nascença — e como se vê no *Dialogo entre Tristão e um amigo*, « quem tem o corpo debil não é homem, é menino, peior ainda ; por que a sua sorte é estar vendo os outros que vivem... mas a vida não é para elle... »

Onde combater, aliás ? Leopardi bem sabe que os Italianos seus coevos vão expôr-se á morte nos campos de batalha, não pelo seu paiz, mas pelos estrangeiros.

O numi ! o numi !
Pugnan per altra terra itali acciari.
O misero colui che in guerra è spento,
Non per li patrii lidi e per la pia
Consorte e i figli cari,
Ma da nemici altrui,
Per altra gente, e non può dir morendo :
Alma terra natia,
La vita che mi desti ecco ti rendo.

Mais felizes — pensa — foram as legiões da Thessalia

que avançaram contra os Persas e os derrotaram, salvando a integridade do solo grego. Mais feliz que elle foi Simónides que immortalisou taes heroes nas suas estrophes.

Mais feliz tambem o velho Dante, o pai venerado. sobre cujo monumento Leopardi escreveu tão grandioso hymno.

Beato te che il fato
A viver non dannò fra tanto orrore ;
Che non vedesti in braccio
L'itala moglie a barbaro soldato.

Padre, se non ti sdegni,
Mutato sei da quel che fosti in terra. (1)

Ah ! se elle tivesse nascido em outras eras, que a fantasia nos representa mais nobres e perfeitas, por isso mesmo que não podem tornar ? E' um sentimento commum em poetas; em Leopardi, sobretudo, arraigado como parte integrante do seu ser.

O Italiano, por orgulho, quando vultos como Alighieri e Petrarca lhe falam de grandezas que elle já não encontra nem espera, se refugia na lembrança dos « tempos envoltos em sonno eterno ». O artista, aborrecendo a vulgaridade do presente, ergue a voz com um ímpeto de revolta para o cavalheiresco Tasso, « cantor delicioso das armas e dos amores », chora a perda de tanta cousa fidalga que « em edade muito menos triste que a nossa,

(1) E' interessante comparar esta ode com a Canção II de proprio Dante no *Canzoniere*, Parte II.

encherá a vida de illusões ditosas. » Que harmonia musical e aristocrática elegancia a nestes versos :

. O torri, o celle,
O donne, o cavalieri,
O giardini, o palagi ! a voi pensando,
In mille vane amenità si perde
La mente mia. Di vanità, di belle
Fole e strani pensieri
Si componea l'umana vita : in bando
Li cacciammo : or che resta ? or poi che il verde
È spogliato alle cose ? Il certo e solo
Veder che tutto è vano altro che il duolo. (1)

Esta é a conclusão do seu patriotismo, como é a de toda a sua philosophia. Elle não nutre a cívica e sagrada confiança no futuro, que Monti e Ugo Foscolo mantém mesmo nas mais ásperas diatribes contra a decadencia da patria; muito menos a fé providencialista de Manzoni que, na renascença do seu sentimento religioso, sabe que a história está cheia de resurreições, não só de individuos, mas de povos, por que *Deus sanabiles fecit nationes*. Até na rude e quasi selvagem cólera de Alfieri ha germens visíveis de esperança; mas em Leopardi tudo conduz ao desánimo... Se, no canto dedicado á irman dilecta que se vai casar (2), lhe recommenda que com exemplos fortes eduque a prole, não lhe esconde o dilemma em que, a seu ver se resume o porvir :

O miseri o codardi
Figliuoli avrai. Miseri eleggi.

(1) *Ad Angelo Mai.*

(2) *Nelle nozze della sorella Paolina.*

Surgem nesse fundo sombrio vislumbres intermitentes e fugitivos de fé patriótica; mas não annullam, antes mais realçam pelo contraste o desalento dominante, que é a *nota leopardiana* por excellencia. Quem lh' o reprochará? Tudo lhe faltou na terra. Uma coisa única o poderia salvar: o amor. Elle bem o sabia; e o seu coração, transbordante de afectos mal contidos, estava prestes a entregar-se-lhe sem reservas.

Mas do amor, como do resto, elle só provou o sofrimento.

A vida íntima de Leopardi tem sido esquadrinhada, talvez com excessos de indiscrição, pela curiosidade de documentos pessoas, que pertence aos costumes da nossa época. Um dos pontos de discussão entre os seus biógraphos mais ou menos críticos, é se o Poeta amou realmente mulheres determinadas, ou platonicamente amor a *muller ideal*, encarnando por uma ficção transitoria esse tipo superior em várias das mulheres que lhe atravessaram a existencia. Caso profundo de psychologia e metaphysica, que se me affigura insolvel. Melhor fôra porventura, não o suscitar: e sem investigações de quasi policial minucia, gosar simplesmente em toda a sua elegíaca formosura os hymnos adorativos e as palinodias dolorosas que o eterno feminino lhe inspirou. Entretanto, para ser sincero, confessarei que as revelações sobre o Poeta (*homo sum...*) me interessaram sumamente, e eu as li com delícia; primeiro, por que nada de uma alma — e que alma! — me é indiferente; depois, por que aqui os episódios têm um sabor de romantismo sobrio, e nada banal. Demais, eu pude tomar conhecimento dos factos sem perigo para a inteireza do meu

prazer esthético; por que, depois de os examinar como antes, eu sei considerar as estrophes amorosas de Leopardi em todo o seu valor, não como mera expressão de um sentimento individual, mas como expressão definitiva de um estado de alma. Com outros não sucede o mesmo; e esse é o motivo por que a crítica em geral, se quer, não matar, mas revelar a vida nas suas manifestações intellectuaes, tem de ser muito cautelosa, quando analysa uma obra artística. Sim, cuidado, que á fôrça de a decompôr, de lhe buscar as origens, de a ligar a incidentes particulares, de lhe esmiuçar e subdividir os elementos constitutivos, não a destrúa, aniquilando-lhe o prestígio da essencia e o poder de suggestão... Tal escolho nem sempre evitaram alguns biógraphos de Leopardi.

Seja como for, o estudo da sua vida demonstra que no amor encontrou elle uma fonte de desgraça, e que nos seus versos não ha o dilettantismo imaginativo de quem faz variações sobre um thema literario, mas as queixas de quem expõe as lições que da propria experiência aprendeu. A primeira mulher que o conquistou foi, dizem, Gertrudes Cassi, sua prima, radiante de mocidade e belleza; passou alguns dias com a familia do Poeta em Recanati, e elle, então pouco mais que adolescente, sentiu-se como fulminado pelo esplendor d'aquelle visão. Nada lhe revelou do seu coração, como nada revelou a nenhuma outra das que mais tarde lhe mereceram igual ou semelhante culto. O seu amor foi sempre mudo, como um monge de São Bruno, mudo por timidez invencível, por invencível orgulho. Não só cerrava os labios, mas velava os olhos; e se alguma vez a perspicacia feminina lhe adivinhou o segredo, foi

contra a sua vontade. Elle sabia que não podia ser correspondido ; lède bem e tornai a lèr esta phrase ; vereis que novo martyrio, maior que os outros, se concretisa nella. Leopardi receiava, não a volubilidade ou a perfidia da mulher (a tanto a sua ambição não chegava), mas simplesmente a risada do escarneo, ou, peor ainda, o sorriso da compaixão... Tão bem conhecia essa deformidade corporal, que todo o seu genio não podia dissimular ! A solidão era a confidente das suas crises moraes ; algumas, formidavelmente trágicas.

Na noite em que Gertrudes Cassi partiu de Recanati — noite tempestuosa e lugubre — o infeliz ardeu em febre, delirou, debatendo-se a gritos com espantosas allucinações. Conta-o a Condessa Theresa Leopardi, que assistiu o doente. D'aquelle paixão devastadora nos ficou um soberbo testemunho literario, nos versos de *Il primo amore* :

Tornami a mente il di che la battaglia
D'amor sentii la prima volta, e dissi :
Oimè, se quest'è amor, com'ei travaglia !

Dimmi, tenero core, or che spavento,
Che angoscia era la tua fra quel pensiero
Presso al qual t'era noia ogni contento ?

Oh come viva in mezzo alle tenèbre
Sorgea la dolce imago, e gli occhi chiusi
La contemplavan sotto alle palpèbre !

Oh come soavissimi diffusi
Moti per l'ossa mi serpeano ! oh come
Mille nell'alma instabili, confusi
Pensieri si volgean....
Il cuocer non piú tosto io mi sentia

Della vampa d'amor, che il venticello
Che l'aleggiava, volossene via.
Senza sonno io giacea sul di novello,
E i destrier che dovean farmi deserto.
Battan la zampa sotto al patrio ostello.
Ed io timido e cheto ed inesperto,
Ver lo balcone al buio protendea
L'orecchio avido e l'occhio indarno aperto.

La voce, ad ascoltar, se ne dovea
Di quelle labbra uscir, ch'ultima fosse ;
La voce, ch'altro il cielo, ahi, mi togliea.

Quante volte plebea voce percosse
Il dubitoso orecchio, e un gel me prese,
E il core in forse a palpitar si mosse !

E poi che finalmente mi discese
La cara voce al core, e de' cavai
E delle rote il romorio s'intese ;
Orbo rimaso allor, mi rannicchiai
Palpitando nel letto e, chiusi gli occhi,
Strinsi il cor con la mano, e sospirai.
Ch'altro sarà, dicea, che il cor mi tocchi ?

Al cielo, a voi, gentili anime, io giuro
Che voglia non mi entrò bassa nel petto,
Ch'arsi di foco intaminato e puro.

Vive quel foco ancor, vive l'affetto,
Spira nel pensier mio la dolce imago...

Foi intenso, não duradouro, o platónico fervor ; o raio tambem é rápido, mas fere, e ás vezes mata. Leopardi, ferido, mas vivo, e inclinado á ternura, deixou-se ir a novas seduções. D'essa vez foi uma donzella ingenua e humilde do povo quem o attrahiu ; foi a beleza ignorante de si propria, e unida áquella graça inocente dos vinte annos, que angelicamente reluz nas fei-

ções, nos gestos, no vestuario, na propria habitação, e que, segundo o verso de Musset :

« ... fit hésiter Faust au seuil de Marguerite. »

A' pureza captivante, á elegância singela da pobre Theresa Fattorini logo se foi juntar outro encanto mais profundo e mysterioso : o da morte em plena juventude.

Desaparecida do mundo real, transformou-se ella para o Poeta no *querido fantasma* que lhe visitava as angustiosas vigilias. Mais ou menos idealisada — que importa? Nem por lhe merecer, como assunto artístico, as exquisitas galas da fantasia, seria menos sincero o seu luto. Nos versos a *Silvia* é sem duvida a sombra d'ella que Leopardi contempla ; e tal página, pelo seu tom de sinceridade e simplicidade, tem mais visos de recordação íntima de factos verdadeiros, que de engenhosa combinação literaria.

Em *Il sogno* é maior a parte da imaginação ; mas ainda assim ress umbra ahí uma emoção profunda e incontestável. Aquelle vulto virginal que lhe apparece no albor da madrugada, quando elle está entre adormecido e desperto, perguntando-lhe se ainda se lembra da cara extinta, e lhe revela, com a infelicidade de ambos, a piedade que já em vida sentia pela sorte do Poeta, e mescla as suas lágrimas com as d'ella, que religiosamente lhe beija a mão — aquelle vulto virginal é uma das creações raras que o genio não vai buscar de certo no domínio das cousas visíveis, mas que, engendradas no mysterioso laboratorio da vida interior, têm uma

existencia subjectiva tão intensa como a existencia objectiva dos seres.

Dizem alguns que a Nerina de *Le Ricordanze* é a mesma Silvia ; outros que é uma rapariga de nome Maria Belardinelli, que, dotada de igual belleza, foi vítima de igual destino (1). A morte não a deixou durar muito. A Nerina ou a Silvia se refere aquella delicadíssima canção, *Per una donna malata?* E a reminiscencia de ambas ainda o enternece talvez, quando, muitos annos mais tarde, elle compunha as fúnebres elegias *Sopra un basso relieve antico sepolcrale* e *Sopra il ritratto di una donna?*

Certo, não foi nenhuma das duas pobresinhas que lhe inspirou as suas ásperas objurgatorias contra a mulher. Mas, depois que deixou Recanati, e andou correndo as grandes capitais e frequentando a sociedade elegante, outras almas femininas conheceu elle, e naturalmente de várias se enamorou. O seu coração não era dos que ficam longo tempo em disponibilidade. — « Preciso de amor, amor, amor, fogo, entusiasmo, vida... » escreve elle a seu irmão Carlos. Artista mais ainda que philósofo, e homem ainda mais que artista, não era indiferente ás formas esbeltas que passavam por elle ; insensivelmente as seguia com os olhos e as desejava. As suas impressões de baile mostram-no fino apreciador d'essa graça musical dos movimentos, que ao compasso de

(1) Na *Rivista d'Italia*, fasciculos de 14 de Maio et 15 de Junho ultimos, G. Chiarini publicou um interessantíssimo estudo : *L'amore nel Leopardi*. O capitulo *L'amore no Leopardi* de De Roberto é, como aliás todo o livro, rico de factos e observações.

uma valsa lânguida ou impetuosa, dá a certas damas a
ligeireza alada das sylphides : « A mulher, nem com o
canto nem com outro meio algum pode enamorar um
homem como com a dansa, que parece comunicar-lhe
ás formas am não sei que divino, e ao corpo uma fôrça,
uma faculdade mais que humana. »

Ora, nos salões e nos theatros elle não foi mais ditoso
quê no quasi campestre retiro de Recanati. Quantas
senhoras mais ou menos duradouramente o attrahiram ?
Não sei. Conjecturam-se diversas, mas não ha muito
que fiar na facilidade de alguns biógraphos, que appli-
cam a taes indagações os processos habituaes da repor-
tagem, fabricando a todo o transe o maior número pos-
sivel de *artigos sensacionaes*. A duas, porém, prestou
elle seguramente culto de amor, amor não já de moço
inexperiente, mas de homem feito, e muito amestrado
pela experienzia. Uma foi a Condessa Carniani Malvezzi,
mulher do espírito, literata e amiga de literatos, que
em Bolonha tinha uma especie de *salão* intellectual onde
Leopardi a conheceu em 1826 : a outra foi a venusta
Fanny Targioni, cuja belleza magnifica attrahiu muitos
adoradores, e com quem elle teve relações de 1830 a 1832.
A primeira o seduziu com a intelligencia culta e a palavra
elegante, e com essas mil affinidades de gôsto naturaes
entre um grande escritor e uma fina cultora de letras.
Leopardi ia visital-a quasi todas as noites, e em conver-
sações, onde o amor não entrava, iam-se entretenendo
até tarde : o peor é que o amor, se das conversações era
proscrito, se desfornava penetrando pouco a pouco no
coração de Leopardi. A Condessa, que gosava e se
ufanava da convivencia de Poeta tão célebre, o tratou

sempre com extremos de gentileza, não cuidando nem
de longe que elle os pudesse tomar por provas de cor-
respondencia a um sentimento que ella mesma igno-
rava. Leopardi teve de deixar Bolonha por algum
tempo ; na volta, recomeçou as visitas quotidianas ; mas
a senhora, que talvez, porfim, suspeitando a verdade, o
quiz lealmente desenganar, lhe deu a entender que con-
viria espaçar um pouco mais os colloquios. O Poeta,
humilhado e doído, não lhe perdoou a franqueza ; e na-
turalmente, como era seu costume — costume de namo-
rados sem ventura — jurou a si mesmo nunca mais se
escravizar a mulher alguma.

O destino, porém, devia ainda uma vez — a última,
por que o fim dos seus dias se approximava — desmen-
tir-lhe os protestos. Fugir ás fascinações de uma mulher
de espírito é relativamente facil, desde que o homem,
prevenido, lhe evite as expansões que lentamente subju-
gam a vontade ; mas como escapar ao súbito imperio da
formosura quasi sobrenatural, que entrando pelos olhos
vai direito ao coração ? Seria mister fechal-os obstina-
damente ; e Leopardi não se resignava a tal sacrificio.
Fanny Targioni era, attestam-no quantos a conheciam,
de deslumbrante e captivante belleza ; tinha, alem disso,
uma certa condescendencia de maneiras, que a fez julgar
por muitos, talvez com injustiça, accessivel aos galan-
teios. O luxo dos salões em que recebia, a elegancia dos
modos, do vestuario e da vida, lhe realçavam os dotes
nativos ; e para um artista, cuja vista educada dava a
cada elemento de um quadro o seu valor especial, havia
uma tentacão nova nessa exacta relação entre uma dama
realmente perturbadora e o seu meio proprio.

A *Aspasia* do Poeta se lhe mostra de facto nesse ambiente de mundanismo :

« ... Né vezzosi appartamenti accolta,
Tutti odorati di novelli fiori
Di primavera, del color vestita
Della bruna viola, a me si offrse
L'angelica tua forma, inchino il fianco
Sovra nitide pelli, e circonfusa
D'arcana voluttà; quando tu, dotta
Allettatrice, fervidi, sonanti
Baci scoccavi nelle curve labbra
De' tuoi bambini, il niveo collo intento
Porgendo, e lor di tue cagioni ignari
Con la man leggiadriSSima stringevi
Al seno ascoso e desiato .. »

Esses versos de uma intensidade rara bastam para provar que o amor do Poeta — o derradeiro, o definitivo — era bem diverso de tudo quanto elle experimentara até então.

Ahi não se trata mais de idealização e platonismo; o sentimento está bem objectivado, dirige-se a um ser determinado e único, ambiciona possuir-o tal qual é, e não só o coração, mas os sentidos ardem num incendio grande. Leopardi attingira com a edade que corresponde ao « mezzo del cammin di nostra vita », de Dante, o último grau da enfermidade e da miseria carnal. Era um moribundo ambulante; as amplas azas negras da Eternidade, pejadas de mysterio, espalhavam sombras densas sobre a sua fronte, já inclinada para a terra. A visinhança do sepulcro communicava ao seu último affecto algo sagrado; neste concentrou elle, por um enorme esforço

moral, todas as faculdades da sua alma quasi desprendida do mundo.

Que se passou precisamente entre Leopardi e Fanny Targioni, de quem elle se queixou com tamanha indignação? Devemos crer que Leopardi « a respeito de mulheres semelhante ao naufrago que encontrando uma taboa não a larga mais » (1) se abandonou ainda com nimia facilidade a um doce engano, interpretando como declarações de amor as palavras affectuosas de Fanny, e vendo um consentimento e um convite onde havia só, alem de amizade desinteressada, cortezia para com o homem de genio, caridoso tratamento para com o enférmo? A mim me parece mais plausivel — e até os versos citados o deixam entrever — que ella, percebendo a inclinação do Poeta, levianamente o animou e o nutriu de esperanças mais ou menos vagas — mas essas bastam a namorados d'aquella alta nobreza! A sua vaidade sentiu-se lisonjeada, acariada maravilhosamente por essa homenagem superior; que, certo, entre toda a guarda de honra que moços elegantes lhe faziam nos salões, ella não acharia outro da mesma grandeza de Leopardi. O coração permaneceu frio, mas o gôsto de triumphar, que para as mulheres mundanas constitue uma escravidão pesada como para outras a do amor, não lhe consentiu libertar da illusão o seu adorador. E' preciso não conhecer a impudente puerilidade de alguns caracteres femininos para achar inverosimil a explicação. Ter de joelhos a seus pés uma das glórias da Italia, ter um genio dos que honram a humanidade, como tributario e escravo!... A

(1) G. Chiarini.

espléndida Fanny sacrificou talvez tudo a esse prazer; outras, de cérebro mais solido, fariam o mesmo. Mas o « engano ledo e cego » não devia durar muito; um dia Leopardi soube, pelo seu amigo inseparável, Antonio Ranieri, que a muito querida o escarnecia, e, rindo com os íntimos lhe chamava « o seu corcundinha ». Um raio que lhe tombasse em cheio sobre o corpo não o arruinaria mais que tal revelação. Em silencio, entretanto, como sempre, elle supportou o golpe. Mas desde aquelle momento se rómpem de vez os derradeiros vínculos que ainda o ligavam á terra.

Sómente á pena confiou as suas maguas. Em *Aspasia*, que já citei, ellas são de um desespêro eloquente e commovedor. O Poeta diz que essa mulher, pela propria inferioridade moral, não avaliou, nem poderia avaliar, a elevação do culto que lhe inspirou. Agora, porém, aquella Aspasia morreu; vive apenas uma bella mulher — das mulheres a mais bella — que lhe é indiferente de todo; pois não foi a ella que o Poeta amou, mas á Deusa ideal que por algum tempo nella se personificou... E concluindo exclama :

Or ti vanta, che il puoi. Narra che sola
Sei del tuo sesso a cui piegar sostenni
L'altero capo, a cui spontaneo porsi
L'indomito mio cor. Narra che prima,
E spero ultima certo, il ciglio mio
Suplichevol vedesti, a te dinanzi
Me timido, tremante (ardo in ridirlo
Di sdegno e di rossor), me di me privo,
Ogni tua voglia, ogni parola, ogni atto
Spiar sommessamente, a' tuoi superbi
Fastidi impallidir, brillare in volto

Ad un segno cortese, ad ogni sguardo
Mutar forma e color.

Assim terminou aquelle nefasto sentimento. O Poeta, libertado emfim, entrega-se ao « júbilo bárbaro e freme-bundo do desespêro »; e, reconhecendo que o universo já para elle não existe, ri freneticamente em face da creaçao. Recolhe-se então para morrer; e os últimos annos passados em Nápoles em casa de Ranieri, amigo predilecto, que mais tarde (até nisso Leopardi é malaventurado !), com o cérebro entenebrecido por manias estranhas, havia de calumniar-lhe a memoria (1), não são mais que uma preparação para o transe supremo. Antes d'este, porém, ainda a imagem da mulher fatal lhe havia de aparecer, provavelmente no delirio da febre; e aquelles beijos que Elvira (outro nome de Aspasia) lhe não negou em sonho — beijos imaginarios, mas suavíssimos — fora ma única recompensa do seu louco fervor pela deliciosa Fanny. Se ella mesma, tempo depois de falecido Leopardi, declarava não saber quem era a sua Aspasia!...

Dolorosa, pois, como a iniciação no amor, inspirada por Gertrudes Cassi, foi a confirmação no amor, inspirada por Fanny Targioni. Que sem dúvida é a esses dois sentimentos capitales que Ranieri se refere, dizendo : « Leopardi amou duas vezes (bem que sem esperança) como ninguem ainda amara na terra. » Princípio e fim de vida : dois martyrios, sem falar nos outros, intermedios. Ranieri e sua irman Paulina, tão desvelada e pie-

(1) Vide Ranieri — *Sette anni di sodalizio con Giacomo Leopardi*. O Sr. F. Ridella refuta magistralmente esse livro na obra : *Una sventura postuma di Giacomo Leopardi*.

dosa, tiveram realmente por missão aquella obra de misericordia, que consiste em tratar dos enfermos e agonizantes. Leopardi estava nessa mísera condição.

Quando a morte o arrebatou sem luta, como quem carregá uma pluma, aos trinta e nove annos de idade, em 1837, acabou de perecer um homem que ha muito sobrevivia a si mesmo.

Recordais as palavras com que Daudet termina o seu pungentíssimo romance *Jack* ?

« — Mort ? — Non, dit le vieux Rival d'une voix farouche — Délivré ! »

A poucos seres elles se poderiam applicar tão justamente como ao grande e infeliz Poeta.

II

Tal existencia nos commove até as lágrimas — e nós só a conhecemos, atravez dos livros, a muitos annos de distância. O homem inspira respeito e piedade; por isso mesmo, comtudo, ao analysar-lhe as theorias philosophicas, podemos averbal-o de suspeito, nos seus juizos sobre a Vida.

Renan disse que se consolava de todas as desgraças d'este mundo com a idéa de que no fulgorante Syrius ninguem as sentia, ninguem as suspeitava sequer... Oh! velho pensador indulgente, sabio disposto pelo temperamento sanguineo e pelo estudo das eras extintas áquella ironia mansamente scéptica, de encantadora forma, que tanto mal fez aos seus discípulos, deshabitando-os dos sentimentos simples e fortes!

E que nos importa o astro immaculado quando soffremos, e como a sua propria luz é menos límpida para olhos embaciados de lágrimas ! Nós não vivemos no rutilante nucleo de Syrius ; vivemos neste pequeno planeta, e o nosso espírito é tão convulsionado pelas lutas íntimas, como o orbe pelos fogos subterraneos que rebentam em lava nas crateras dos vulcões. Muitos philosophos zombam da humanidade — e um d'elles é Leopardi — porque, em um delirio de presunção, se suppõe o centro moral do universo. E' um êrro talvez; mas inevitavel. Como quereis que, com o instinto da conservação, com a consciencia de progresso, com o espectáculo do combate incessante que tem de empenhar contra a natureza e o destino, ella se submetta a outro criterio ? Desde as edades remotas, em que as raças primitivas disputavam ás feras o lar e o alimento, até hoje, que os trens de ferro se cruzam nos continentes e os vapores colossaes atravessam os oceanos, a historia tem mostrado, como facto fundamental, a humanidade a defender-se dos mil elementos adversos que conspiram para a abater e destruir.

O hábito da guerra produz arrogancia de índole ; e a dificuldade de garantir uma coisa lhe aumenta o valor. Por isso a humanidade nunca perderá a illusão de que o universo foi feito e existe para seu serviço.

E não só a humanidade; afora excepções de superior sabedoria, cada homem, se assim não pensa raciocinando, sente todavia por essa chimera uma vaga, mas irresistivel, attracção. Na verdade, se nos não julgassemos com direito a construir, segundo planos pessoaes, o edificio da nossa vida, como nos irritaríamos tantas vezes contra

accidentes naturaes, como accusaríamos a sorte que não tem a mínima obrigação de nos ser agradavel ? O proprio suicidio, longe de desmentir, confirma essa idéa ; pois, quando não é um acto de loucura, nasce de uma exageração mórbida da individualidade, pela qual um desgraçado prefere eliminar-se a submeter-se.

E' claro que eu abstraio aqui do sentimento religioso ; a fé modifica radicalmente a nossa *intelligencia moral*. A' luz d'esse sol tudo tem outro aspecto e outra essencia ; então o homem se eleva no seu proprio conceito, mas por motivo diverso : não deriva a sua dignidade da posição em que está perante as criaturas, mas dos vínculos que o ligam ao Creador. Eu falo, porém, do homem reduzido ás suas faculdades...

Nessa condição é bem difícil que elle se possa pronunciar com imparcialidade sobre os phenómenos e as leis do mundo moral — esquecendo que é actor para se tornar simples espectador. Ainda, entre os antigos, na Grecia e em Roma, grandes philósophos discutiam questões de capital transcendencia para a alma humana, tão serenamente como discutiriam o regimen de um paiz onde nunca devessem morar. Eram espíritos menos complicados que os nossos ; e de resto muitas vezes a mera preocupação rhetórica de bem tratar um thema sobrepunha no debate quaesquer velleidades de paixão. Os modernos, sobrecarregados de noções múltiplas e incompletas, fatigados de controversias seculares em que se agitaram, sem se resolverem, os máximos problemas, em vez de discretearem com elegante argucia sobre Zenon e Epicuro, interrogam aniosamente o infinito ; e mesmo em attitudes de

lyrica solemnidade, crispações nervosas lhes trahem a angústia interior.

De ordinario não chegam ás suas generalisações de alta philosophia por uma serie de operações placidamente mathemáticas, em que as idéas sejam tomadas como termos de theoremas encadeados successivamente. Os conceitos subjectivos não são como linhas geométricas ou frios algarismos combinados em fórmulas de cujos resultados ninguem pode duvidar ; no seu *probabilismo* mais ou menos sólido, o temperamento, a educação, as vicissitudes innúmeras da existencia influem assombrosamente. Esse é o vicio original de muitos systemas, cuja *inflexivel lógica* não é a da razão pura, mas a do capricho intellectual, derivando rigorosas conclusões, de premissas arbitrárias. Em summa, o que se devia tratar como questão abstracta, é tratado como questão pessoal.

Leopardi, pensador insigne, não escapa a essa contingencia ; antes é dos que mais lhe estão sujeitos, pelas condições mesmas do seu pavoroso fadario. Sendo um dos primeiros intérpretes — e por que não dizer um dos fundadores ? — do pessimismo contemporaneo, elle pretende ter formulado a sua doutrina do desespéro universal por meio de argumentações imparciaes, absolutamente estranhas ao influxo das suas desventuras. Na carta famosa a De Sinner altivamente ergue a visseira : « Foi só por effeito da covardia dos homens, que precisam de persuadir-se do mérito da existencia, que se quizeram considerar as minhas opiniões philosophicas como resultado dos meus padecimentos particulares, e se teima em atribuir ás minhas circumstâncias mate-

riaes o que se deve só ao meu entendimento. Antes de morrer hei de protestar contra essa invenção da fraqueza e da vulgaridade, e pedir aos meus leitores que se propoñham destruir minhas observações em vez de accusar minhas enfermidades. »

Soberbas e eloquentes palavras; mas a posteridade as aceitará como definitiva sentença?

Eu não ponho em dúvida a boa fé com que elle as profere. Mas pergunto: o homem em tal causa pode ser juiz de si proprio? Quando, com frequencia, acerca de cousas bem simples, não sabemos se as nossas opiniões se fundam em claros raciocinios ou em sympathias e antipathias mysteriosas, ousaremos afirmar em consciencia a nossa insuspeição científica perante um conjunto de leis, do qual nós mesmos dependemos, nos máximos e nos mínimos actos?

De Leopardi já vimos os elementos biográficos. Physicamente combatido pelas molestias, moralmente por todos os desgostos, como havia de ser benévolo o seu espírito para o mundo que o hostilisava? Se elle fosse um simples, um illiterato, queixar-se-ia d'este ou d'aquelle inimigo, do tempo, da saude, da fortuna, diria quando muito, vagamente: Como a sorte é dura! — E continuaria a sofrer, sem se remontar ás causas ignotas da sua dor e da Dor, sem fazer da creaçao inteira o satélite da sua desgraça, sem demonstrar sabiamente a solidariedade do universo com ella.

Leopardi, porém, tinha a curiosidade e a presunção dos philósofos: transformou a sua penna em arma de guerra e instrumento de dissecção. Quiz vingar-se do

Destino, e instaurou-lhe o processo, julgando forçal-o a desmascarar-se.

Uma das causas da sua predisposição á melancolia incurável foi o desequilibrio nervoso, morbo congénito e hereditario, por que entre seus antepassados a proporção dos nevropathas mais ou menos extravagantes é consideravel (1). Eu não irei em tanto ao extremo de afirmar como o Sr. Patrizi, que o pessimismo é uma simples variedade de desarraijo mental. Nessas conclusões audazes, de que o aliás notável professor Lombroso é o porta-bandeira, ha geralmente muita precipitação. E' um século de sciencia o nosso, mas é tambem um século de fantasia científica; a nevrose parece castigar muitos dos proprios mestres que lhe ousam desvendar os segredos, atacando-os com redobrada violencia soba forma de manias a um tempos iconoclastas e classificadoras. Dahi a impaciencia com que tantas vezes, de dados numerosos, mas confusos e mal discriminados, se extrahem logo asserções de dogmatismo revolucionario. A Lombroso e á sua escola, sem se lhes negar a valia dos estudos feitos e dos materiaes accumulados, aquella censura cabe justamente. Por exemplo, no *Homem de Genio*, quantos casos superficialmente observados, quantos permenores insignificantes exagerados e torcidos para favorecer os interesses do sistema! A gente ha de sorrir, por força, ouvindo chamar a isso «sciencia experimental...» E se em taes êrros cahem os mestres, que se dirá de certos discípulos?

(1) Vide M. L. Patrizi — *Saggio psico-antropológico su Giacomo Leopardi*.

Por occasião do centenario, Leopardi foi submettido a esse processo predilecto em conferéncias e artigos de revistas, que chegaram a tornar-se actos de irreverencia para com a sua memoria. A habitual confusão entre a coincidencia e a causalidade dos phenomenos attingiu ahi extremos quasi cómicos; porque Leopardi foi simultaneamente genial e dyspéptico, escrevinhadores e palradores de uma candura inverosimil deram tratos á penna e á lingua para patentear na dyspepsia do Poeta os germens do seu genio; se elle ainda vivesse, publicar-lheiam de certo, com picantes commentarios physio-psychológicos, a analyse do succo gástrico... Esses attentados, porém, não passaram sem protesto; os homens de letras lhes puzeram embargos, as proprias gazetas os ridiculisaram; entre outras, *La Tribuna*, de Roma, sobresahiu na liça, publicando artigos agudamente irónicos e finamente críticos de Rastignac (pseudonymo do distincto escritor Vincenzo Morello). Leopardi, de resto, se ainda a preocupam no outro mundo as vans contendas d'este, facilmente se pode consolar: como se esquivaria elle ao julgamento summario dos pseudo-psychiatras, quando o seu nobre contemporaneo, Alessandro Manzoni, typo magnífico de equilibrio phýsico e moral, não lhes escapou á raiva, e por alguns foi sabe Deus como, declarado maluco (*mattoide*) (1) ?

Pondo, porém, de parte exagerações e caricaturas, não ha que hesitar na affirmação de que na philosophia de Leopardi o temperamento influiu como em poucas,

(1) Leia-se a bella refutação d'esse absurdo no livro do Sr. Paolo Bellezza — *Genio e follia di Alessandro Manzoni*.

sendo assim o seu defeito capital o de generalisar systematicamente impressões subjectivas. De resto, elle achou mil incentivos ao pessimismo no proprio ambiente em que se formou. Os germens de desalento saturavam a atmosphera do seu tempo; não lhe foi preciso mais que respiral-os offerecendo-lhes um meio adequado de cultura, como certos organismos o offerecem aos microbios da tuberculose ou da malaria. Era aquella uma época de dúvida e fadiga anciosa; os povos, abalados pelo esfôrço enorme da Revolução, sentiam esse abatimento febril do lavrador, que se cansou muito em desbravar um terreno, em arrancar-lhe as velhas hervas, em arroteal-o e semeal-o todo, e não sabe ainda se a colheita, que só pode vir com a tempo, o compensará do trabalho ou o levárá ao arrependimento... A'orgia pública que tinha custado muito sangue, mas onde do menos uma fé intransigente fazia ver no braço do carrasco um instrumento de regeneração social, sucedia uma tristeza mesclada de remorso por tanto morticinio, e ante a dificuldade de reconstruir, se confessava talvez que a demolição fôra longe demais. Depois da medonha hecatombe napoleónica, o antigo Regimen tomava naturalmente a sua desforra; e a relutancia das velhas dynastias em aceitar sinceramente as reformas liberaes parecia presagiar o regresso puro e simples ao passado, sem que o sacrificio de tantos milhares de victimas tivesse fruto algum. Não era facil effectuar a selecção entre o que a Revolução trouxera de principios realmente justos e a sua herança de êrros, loucuras e crimes. E não é isso de admirar, que ainda hoje — apôs curtos períodos de pureza

e generosidade, entre os quaes o da República ephéméra de 1848 foi o mais notavel — a selecção não está completamente feita na Europa, e em muitos espíritos a confusão das idéas políticas é deplorável.

Assim, o residuo de lutas deixado pela Revolução e por guerras tão longas, a lembrança dos cadáveres carregados no cesto da guilhotina ou abandonados aos corvos nos campos de batalha, a desillusão d'essas formulas mágicas que se suppunham capazes de transformar o mundo num momento, tornavam naturalmente tristes os homens nascidos em tão triste período. Vira-se tambem como era fallaz e vazio o optimismo philosóphico do seculo XVIII, semelhante a uma comedia elegante que findasse na mais horrivel das tragedias. O sangue espadanara violento sobre os amores roseos de Boucher e as pastoress casquilhos de Watteau; a Encyclopedia, composta talvez com a ingenua pretenção de responder a todas as curiosidades intellectuaes do homem, aparecia estreita e a muitos respeitos mesquinha no seu espirito sectario; e só então se comprehendeu quanto era culpado e malvado o riso cínico de Voltaire, que, desprestigiando as crenças fundamentaes, nada soubera dar em troca ás consciencias atribuladas.

Esse desnorteamento das almas produziu a melancolia vaga, o chamado *mal do século*, de que o Romantismo largamente se alimentou. Parece-me não se enganarem os que vêm nesse desalento indefinido e universal uma das qualidades características da vida moderna. Carducci observa muito bem que, entre os antigos, a dor, que por vezes attinge alias o máximo grau de intensi-

dade, tem sempre um motivo real e determinado (1). Para elles, a despeito dos desgôstos inevitaveis, a convicção geral é que « a existencia é um bem ». Os infortunios são como as manchas do sol; ninguem tomara argumento d'ellas para negar que o sol é de natureza luminoso.

Por isso as manifestações do pessimismo são raras; ha excepções, mas são excepções, isto é, não encontram, como hoje, no espirito público a popularidade que faz de uma doutrina a expressão de sentimentos generalizados. O que se pode entrever de desillusão em alguns poetas e philosphos gregos, em Hesíodo, Simónides ou Platão, em Píndaro que chama a vida « o sonho de uma sombra » ou em Bachillides segundo o qual « fôra talvez melhor não nascer », não corresponde de certo ás tendencias d'aquelle povo joven, para quem a vida é uma festa de arte, de belleza e de amor. Leia-se o dito de Achilles nos infernos da *Odysséa*: « Não tentes consolar-me da morte, nobre Ulysses; eu preferiria cultivar como mercenario o campo de um pobre homem a reinar sobre a multidão inteira das sombras. »

O pessimismo de Lucrecio tambem destoa d'aquelle actividade positiva e emprehendedora dos Romanos, que, tendo todo um mundo a conquistar, a submitter, a uniformisar, não poderiam conciliar com tal programma uma theoria de negação e renúncia. Objectarão que o suicidio entre elles é causa commum; mas cumpre notar que provém sempre de motivos individuaes, não

(1) *Degli spiriti e delle forme nella poesia di Giacomo Leopardi.*

de razões contra a vida em si. Quando se matam não é por acreditarem que em princípio vale mais o nada que a vida; mas por supparem que nas suas condições particulares, perseguidos, presos ou exilados, já não podem esperar da sorte senão sofrimentos — e por não terem ânimo bastante para os affrontar... Acho que Antonio e Cleópatra, pertencessem embora á célebre Academia dos *co-moribundos*, não se matariam se Augusto os não vencesse...

Entre os Hebreus tambem, apezar do caracter severo e por vezes sombrio da Biblia, apezar do *Livro de Job*, das máximas do *Ecclesiastes*, das *Lamentações* de Jermias, nunca houve um desprezo systemático da existencia, que de resto não se harmonisaria nem com a moral judaica nem com a esperança messiánica. O proprio Hartmann reconhece na *Philosophia do Inconsciente* esse optimismo terrestre, que inspira a antiguidade. Falo da antiguidade clássica, da que mais influiu na educação de nossos avós. Outras impressões se nos deparam se volvemos o olhar para a velha India, onde o Príncipe Çakia-Muni formulou ha tantos séculos a theoria do desespéro, e identificou a sabedoria com o desejo do Nirvana libertador...

Mas não creio que Leopardi devesse suggestão alguma áquella desconsolada philosophia; nem sei se a conheceu. A sua educação é clássica em todo o rigor do termo; e, quando elle quer buscar na antiguidade precursores do seu pessimismo, recorre a Bruto e a Theophrasto, para não falar das meditações que empresta a Sapho (1).

(1) *Ultimo canto di Saffo.*

Nisso, porém, era a direcção literaria do seu gôsto que o illudia sobre a origem das suas doutrinas.

Madame de Staël diz com razão que o classicismo e o romantismo correspondem não só a duas épocas, mas a duas famílias de almas. A de Leopardi, apezar da vasta lição clássica, e da clássica estructura do estylo que tanta vez foi comparado ao des Gregos, era essencialmente romântica. Foi sem dúvida pelo quasi exclusivismo das leituras e pelo ambiente um tanto *arcádico* da casa paterna que Leopardi se apegou assim á antiguidade, sem predilecção alguma pela edade média, que os chefes de Romantismo instinctivamente preconisaram, não só por uma reacção natural contra o abuso da mythologia olímpica, das recordações hellénicas e romanas, mas ainda por uma verdadeira affinidade moral. De facto, não é no paganismo triumphante, ebrio de gôso physico e de exaltação pantheista, mas nos êxtasis ascéticos, nas macerações monásticas, nos terrores, nos escrúulos, tambem no idealismo transcendente e nas victorias de espírito sobre a materia, traços característicos da edade média (e a edade média moralmente começou nas catacumbas), que o moderno *mal do século* pode achar as suas primitivas raizes.

O Renascimento, que até pelo nome, tão suggestivo, dá idea de uma renovação alegre e harmoniosa do mundo culto, foi uma reacção dos organismos sãos e exuberantes, dos sentidos bem dispostos para todos os prazeres, das imaginações curiosas de cousas bellas, contra o regimen medieval, em que a carne era macerada pela penitencia, e a mente immobilizada na contemplação solitaria. Reacção incompleta, todavia, e mais espe-

ciosa que profunda, por que Pan não podia resuscitar ; o Christianismo, apossando-se definitivamente da consciencia humana, o matara de vez. Atravez das mudanças de concepção, e sobretudo de técnica, nas artes, como se vê persistir ainda a inspiração bebida no Antigo Testamento e no Evangelho ! como se ouve clara a voz dos *Novíssimos* entre os clamores festivos d'aquellas orgias italianas e francesas ! Na pintura e na escultura o naturalismo triumphante proscreve o mysticismo dos Primitivos ; mas se Raphael consegue desenvolver o seu genio peregrino, nos ámbitos da realidade visivel, pela só belleza immortal das formas, se os amplos painéis de Paulo Veronez são apotheoses da luz e do colorido sem sombra de preoccupação espiritual, que outros estados de alma se nos revelam, por exemplo, nas severas composições do Tintoretto, nas figuras enigmáticas de Leonardo de Vinci, ou nos terríveis colossos de Miguel Ángelo ! Os elementos trágicos do *Juizo Final*, que faz pensar no Inferno Dantesco, o irado cenho do Moysés, a tristeza perturbadora da Noite, a propria volupia dolorosa da Leda, bastariam para mostrar que sob o paganismo dos contornos já não existia a serenidade da alma antiga. Em nenhum poeta, que verdadeiramente o fosse, se pôde encontrar mais aquella placidez deliciosa de traços com que o proprio Virgilio — o mais sensivel dos Romanos — pintou as scenas e as paizagens das *Geórgicas*...

O Christianismo não é entretanto pessimista ; como o seria com seus princípios fundamentaes da Providencia e da Redenção ? Mas não ha necessidade de reflectir muito para comprehender que uma religião,

cuja base é a crença na vida futura para a qual a presente é apenas uma preparação, não pode incutir nos homens aquella descuidosa jovialidade, fruto de um polytheismo indulgente e sceptico, que ensinava dever-se gosar o mais possivel enquanto é possivel — gosar o que este mundo nos dá, sendo tolice trocal-o por uns vagos Campos Elyseos, esthéticos mais que dogmáticos... A existencia torna-se mais grave, torna-se até certo ponto melancólica ; são melancólicos sempre os grandes sentimentos.

Melancolia maior em uns, menor em outros, conforme as índoles.

Por isso mesmo que a religião é de todos os factores humanos o mais íntimo, cada qual embora sem lhe alterar a essencia, lhe imprime, na interpretação e na prática, alguma cousa da propria individualidade. Os exemplos dos Santos são a melhor prova. Que diferença entre o duro ascetismo de alguns e a indulgência enternecedora de outros ! Não achareis de certo em Gregorio VII ou em São Domingos a mansidão de Patriarcha de Assis, a bonhomia angélica de São Vicente de Paulo, a brandura risonha S. Francisco de Salles. Aquelles são reformadores e combatentes, meio apóstolos, meio soldados, *milites Dei*, e nada lhes dobra o rigor. Mas pelo menos os Santos, divergindo embora nos methodos de accão, conservam intacto o espírito do Evangelho ; o mesmo não sucedia quando, nos tempos bárbaros, homens de paixões violentas o interpretavam a seu talante ; de uma religião toda feita de caridade, sahiram, por estranho desvio do fanatismo, os horrores da Inquisição. Não admira que em época de temeridade philosóphica, de uma religião fun-

damentalmente providencialista, se fossem tirar conclusões de pessimismo. Pascal, que tantos pontos de contacto tem com Leopardi, os Jansenistas todos, ahi estão para o evidenciar. Pascal, entretanto, ardia nas chamas de uma fé exaltada, que o impedia de chegar á negação radical do valor da vida ; elle a considerava uma expiação aproveitada para um fim superior; vêde o magistral capítulo sobre a *utilidade das doenças*. Outros, porém, abandonando a parte dogmática do Christianismo, só guardaram d'elle a anciosa preocupação das causas primeiras e dos destinos futuros; e, rejeitada a resposta que a crença dava a essa curiosidade íntima, acharam-se diante de um problema sem solução.

Nesse sentido é que eu digo que o Christianismo, mal comprehendido, concorreu indirectamente para despertar o mal do século.

Entre este e a theoria desesperada de Leopardi não me parece haver distância tão grande como affirma E. Caro no seu admiravel livro *Le pessimisme*. Certamente, em Byron, em Chateaubriand, em Musset, o desalento é antes um phenómeno pessoal e subjectivo, um como privilegio doloroso do genio, que Aristóteles já reconhecia, e que se origina talvez da desproporção de ideas e instintos entre um alto espírito e a maioria dos seus coevos. Mas se o genio, por se considerar mais clavidente que o resto dos homens, declara ser um mal a vida, deve-se concluir logicamente que no seu juizo o commun dos mortaes só a estima como um bem por não ter mente assás aguda para descobrir a verdade. Goethe diz : « Todo o aumento de saber é um aumento de tristeza ». Máxima que podia inscrever-se como epígrafe

nas obras philosóphicas de Leopardi. De resto, na maior parte dos românticos, enférmos do mal do século, procurando bem, se encontram affirmações tão desoladoras como as do Poeta italiano. Se Lamartine foi salvo do pessimismo pela fé e pelas aspirações humanitarias, se Victor Hugo escapou a elle pela ambição politica, pela adoração de si proprio e pela extraordinaria fortuna do seu nome, Alfredo de Vigny, menos popular, mas de uma inspiração profunda, severa, pura, digna da imortalidade, bem amargas doutrinas fixou nos seus versos, e sobretudo nesse livrinho adorável e pouco conhecido — *Le journal d'un poète*. Nas litteraturas de nossa lingua, se se quizesse entrar em applicações particulares, poder-se-ia mostrar como o Romantismo, cujos iniciadores a actividade patriótica arredou do desánimo fatal (em Portugal pela campanha do liberalismo, no Brasil pelo movimento da independencia), teve mais tarde representantes de tendencias, senão doutrinariamente, ao menos impressivamente pessimistas, como Alvares de Azevedo, Varella e outros, de cuja sinceridade não é lícito duvidar.

Mas Leopardi não se limitou, como os outros românticos, a manifestações isoladas, se bem explícitas, de desengano; concatenando as suas theorias, estendendo-as ao campo das questões transcendentais, chegou a formar, não um systema completo, mas um esboço ao menos de systema. De facto, elle denominava as suas *Operette simples* ensaios, e parece que o seu intuito era tirar d'ellas mais tarde um tratado definitivo de filosofia; o tempo não lhe bastou para tanto.

III

E Caro (1) fez ver como o Poeta atravessou e abandonou successivamente as tres phases intellectuaes, que Hartmann chama « os tres estadios da illusão humana. »

No primeiro, bem curto — foi o da infancia e da adolescencia, que elle sempre relembrhou saudoso — creu na felicidade real e presente, hauriu a largos sorvos os ares salubres da sua primavera, com o desejo de viver de todos os jovens animaes.

Era quel dolce
E irrevocabil tempo, allor che s'apre
Al guardo giovanil questa infelice
Scena del mondo, e gli sorride in vista
Di paradiso. Al garzoncello il core
Di vergine speranza e di desio
Balza nel petto ; e già s'accinge all'opra
Di questa vita come a danza o gioco
Il misero mortal (2).

No segundo, quando as molestias e as decepções sentimentaes lhe tornaram abominavel o mundo, refugiou-se na crença cathólica, pedindo á Justiça immanente e á infinita Misericordia a compensação justa dos seus infortunios. É de então que datam aquelles commoventes, pungentíssimos hymnos ao Redentor e a Maria. « Tu conheceste a nossa vida, lhe provaste o nada, sentiste a

(1) *Le pessimisme.*

(2) *La vita solitaria.*

dor e a infelicidade do nosso ser — diz elle a Jesus — Piedade para tantas afflictões, piedade para esta pobre creature tua, piedade para o homem infelicíssimo... pois pertencer quizeste á nossa estirpe, ser homem tambem tu... Sobre Jerusalém te viram chorar. Era essa terra tua patria, por que tambem quizeste ter uma patria... e devia ser destruida, anniquilada... Assim todos somos feitos para nos desgraçar e destruir reciprocamente... Tempo virá em que eu, nenhuma outra luz de esperança me restando... toda a minha porei na morte; e então recorrerei a Ti... »

E á Virgem diz : « É verdade que somos todos maldados, mas nem assim gosamos ; somos tão infelizes ! É verdade que esta vida e estes males são breves e nullos ; mas nós tambem somos pequenos, e elles nos parecem longuíssimos e insupportaveis... »

Taes preces não chegaram a revestir a forma poética definitiva ; ficaram no estado de esboços ; tão depressa Leopardi renunciou áquelle « segundo estadio », afastando da mente todas as influencias da Graça.

No terceiro e último, vêl-o-emos fixar-se mais tempo ? Se elle engeita a possibilidade de ser feliz no presente, e repelle as consolações do Messias, confiará pelo menos em um futuro moralmente melhor, no aperfeiçoamento da humanidade, e dará por bem empregado o sacrificio dos que vivem em proveito dos que viverão mais tarde ! O que já citei d'elle indica resposta negativa ; o seu caracter não é dos que a meio caminho param ; ha de ir até o fundo da voragem. O progresso é mentira para Leopardi, como o resto.

Não cuideis que elle examine cada um d'esses pontos

por um inquérito rigorosamente científico, e apoie com provas irrefragáveis as suas conclusões.

As vezes se limita a enunciar categoricamente o seu modo de pensar, sem nos dizer o processo intellectual que o produziu; outras vezes oscilla no limbo de um nebuloso scepticismo, que atesta certamente a morte da fé, mas não a segurança de uma convicção contrária ao que ella affirma; outras ainda pela reflexão, pela concentração das proprias faculdades em um extenso raciocínio inteiramente metaphísico, chega á negação, ou á simples consequencia socrática : — « Nada sei, nada sabemos... »

É possível, por exemplo, reconstruir e condensar os actos mentaes, que do Christianismo da sua infancia o levaram quasi ao atheismo ? Houve ahi trabalho exegético e histórico, severo confronto de todos os grandes philósofos, estudo da criação, dos phenómenos do universo, dos factos do espírito á luz da sciencia moderna ? Nada d'isso houve, apezar da erudição de Leopardi. Elle cria, e deixou de crer, unicamecte. Quando muito, seguiu os caprichos da meditação solitaria, que inclinada ás idéas radicalmente tristes, achou mais conforme ás suas tendencias um ceu vasio e surdo ás súpplicas da creatura.

Quando elle formulava as suas convicções demolidoras, já existia o homem original e tragicamente zombeteiro, cujo nome havia de ser para nós quasi um símbolo do pessimismo : Arthur Schopenhauer. Leopardi não leu uma linha dos seus livros, provavelmente nunca d'elle ouviu fallar; e comtudo ha uma estranha semelhança, por vezes até identidade, entre a philosophia de

ambos. Um leve resumo da do Poeta italiano é suficiente para o indicar aos que conhecem o tremendo mestre de Francfort, sem necessidade de uma comparação que excederia os limites d'este simples ensaio.

Já vimos que elle proscreve a Deus do seu systema. Não sei se o proscreveria tambem inteiramente do coração, e muitas das suas cartas deixam ver o contrário, mas emfim para a sua *obra pública* considera-o fora de combate.

Em vez d'Elle, que resta, desde que repugna á inteligencia de Leopardi a existencia do universo sem um Princípio activo que o dirija ? Resta o Destino, resta a Natureza, duas abstracções que se comprehendem artisticamente, mas que em philosophia são termos demasiado vagos, sem limites certos, sem definição rigorosa. Pura metaphísica; mas a concretisação da Especie humana em Schopenhauer, a personificação enigmática do Inconsciente em Hartmann não serão tambem idéas, ou melhor, imagens metaphísicas, não talvez revestidas e encouraçadas de syllogismos á moda antiga, mas contorcidas e mascaradas para uma fantasia carnavalesca e macabra ?

O homem, entregue sem remissão ao Destino e á Natureza, ha de forçosamente interrogal-os sobre o que d'elle pretendem fazer e os motivos de tal procedimento. Leopardi, literato, de imaginação pittoresca e dramática, dará sem dúvida movimento e relêvo a essas grandes controvérsias. Bem que, porém, o Destino, o *Fatum* latino, com frequencia appareça nas suas poesias, é sempre sob um aspecto incorporeo e, por assim dizer, em terceira pessoa; não se digna entrar em conversação

com as suas vítimas ; estas, quando lhe pronunciam o nome, é para lembrar algum dos seus ukases irrevogáveis. A Natureza, como seguramente nos seus vastos dominios dispõe de innúmeras formas visiveis, não recusa de vez em quando servir-se de uma, tornando-se mais accessivel aos nossos olhos carnaes. Reparai no que sucede áquelle pobre Islandez que, depois de desvairadas peregrinações, fôra parar no interior da África. « Um caso semelhante ao que se deu com Vasco da Gama quando passou pelo Cabo da Boa Esperança; e o mesmo Cabo, guarda dos mares austraes, se lhe apresentou na figura de um gigante, para dissuadil-o de tentar aquellas novas aguas. Divisou ao longe um busto grandíssimo, que a princípio suppos fosse de pedra, á semelhança das hermas colossaes, que vira muitos annos antes na ilha de Pascoa. Mas aproximando-se verificou ser um vulto desmesurado de mulher sentada por terra, com o busto erguido, apoiando o dorso e o cotovello a uma montanha; e não fingida, mas viva; de rosto entre bello e terrivel, de olhos e cabellos negrissimos, a qual fixamente o mirava... »

Tal é a figura; sem esperar que o attónito viajante lhe dirija a palavra, ella propria lhe pergunta quem é elle. « Sou um pobre Islandez que ando fugindo na Natureza... » — « Assim foge o esquilo da cascavel — retruca ella — até que por si mesmo lhe cahe nas guelas. Eu sou aquella de quem foges. » Mas o Islandez, sem se atemoristar, longamente lhe enuncia as muitas razões de queixa que os homens têm contra a Natureza; os mil perigos que por culpa d'ella os ameaçam, as tempestades, os terremotos, a inconstancia dos climas, as epidemias,

a fome, as miserias de toda a especie, a dor que suplanta o gôso, o tedio que corrompe a propria felicidade, de onde conclue elle que a Natureza é inimiga dos homens.

A resposta da Natureza é perentoria : « Imaginavas talvez qne o mundo fosse feito por causa vossa ? Sabe que nas creações, nas ordens e operações minhas, salvo em pouquíssimas, de bem outra cousa cuido que da felicidade ou da infelicidade dos homens. Quando vos offendio de qualquer modo... não o percebo... como ordinariamente, se vos deleito ou beneficio, nem o sei... E finalmente, ainda que me acontecesse extinguir toda a vossa especie, nem tal perceberia ».

O Islandez não se dá por satisfeito com a explicação, e observa, zangado, que então a Natureza não devia chamar os homens á vida, sem os consultar, assim como não seria justo que alguém, tendo convidado um amigo para sua casa, lhe desse os peores aposentos, o maltratasse grosseiramente, e ante as suas queixas lhe perguntasse : « Pensas tu que construí a minha casa para teu uso ? »

Mas a Natureza, que acha impertinente esse pobre diabo, e não quer perder mais tempo em conversas inutileis, livra-se d'elle fazendo-o devorar por dois leões.

Eis a dura verdade ; tudo o mais é presunção louca dos homens; tambem os trasgos crém que para os trasgos, e os gnomos que para os gnomos foi creado o mundo. (1)

Mas afinal será tão ruim a vida ? Não valerá mais gozar-a qual é, e lançar fora philosophias ociosas, sobre-tudo sendo certo que ellas nada descobrem ? Aqui, po-

(1) *Dialogo de um trasgo e de um gnomo.*

rém, Leopardi, com a voluptuosidade de um verdadeiro nihilista espiritual, põe em acção todos os recursos do seu engenho para evidenciar a inanidade de cada um dos bens que nos levam a prezar a existencia. Começa pelo prazer; a sua theoria nesse ponto é, antes de tudo, uma theoria de doente; elle pretende que « o prazer é quasi de todas as cousas humanas a mais nociva ás forças e á saude do corpo, a mais calamitosa nos effeitos quanto a cada pessoa, e a mais contrária á durabilidade da propria vida. » Isso applica elle ao uso do prazer quando só o deveria applicar ao abuso; não reconheceis ahi o enférmo que geme em uma carta : « O menor prazer me mataria » ?

Por outro lado, é uma theoria de argumentador excessivamente imaginativo, que discorre sobre conceitos arbitrarios, antes que sobre coisas reaes e verificadas. Lêde este trecho do *Dialogo de Torquato Tasso e do seu Genio familiar* :

Genio — Que é o prazer? *Tasso* — Não tenho d'elle prática bastante para conhecer o que seja. *Genio* — Ninguem o conhece por prática, mas só por especulação; por que o prazer é um assunto especulativo, não real; um desejo, não um facto, um sentimento que o homem concebe com o pensamento, e não prova; ou para dizer melhor, um conceito, e não um sentimento... » Não distinguis ahi já prelúdios das opiniões mais tarde professadas por Schopenhauer?

Entretanto, no mesmo diálogo, ha uma phrase de alto bom senso, que destroi pela base toda a theoria de Leopardi, e abala o proprio pessimismo philosophico em todas as suas formas. Tasso pergunta : « Não podem

nunca os homens crer que gozam presentemente? » O Genio responde : « *Sempre que tal cressem, gosariam de facto.* » Ora, se Leopardi confessá que o prazer é um phenómeno subjectivo (e em relação a qualquer phenómeno subjectivo uma illusão fortemente arraigada equivale a uma verdade irrefutável), como é que insiste em afirmar que os homens, quando julgam gosar, são victimas de um engano? Sustentará tambem, como outros sustentarão mais tarde, que o prazer é puramente negativo, que é apenas a cessação transitoria da dor que sempre o precede e o segue? Pois, quando alguem sente prazer em beber um copo de vinho, ou em contemplar um bello quadro, a sua satisfação é necessariamente o epilogo de uma dor passada e o princípio de uma dor futura?

E não haverá senão prazeres funestos e viciosos na vida? Os mais elevados, os da intelligencia, os do coração, não trazem em si mesmos um elemento de serenidade e pureza que ás vezes parece transportar-nos a outro mundo de delícias supremas? Leopardi repelle tudo: a sciencia que, sendo filha da verdade, só nos pode tornar mais desditosos a cada nova conquista sua, fazendo-nos penetrar mais fundo no horror da realidade, os gosos da arte que o mesmo Hartmann não nega, a glória que elle ambiciona de certo, mas contra a qual o seu *Parini* é um libello de eloquencia deslumbrante e incisiva, a propria virtude de que reconhece e louva a belleza moral, mas não a capacidade para dar ventura a quem quer que seja. O progresso? Esse lhe inspira só riso — um riso amargo, corrosivo e irreverente. Na *Aposta de Prometheu*, o roubador do fogo celeste vem

visitar na terra as criaturas que animou; em Popayan, entre as florestas da América, encontra um selvagem entretido a comer a carne do seu proprio filho; nas Indias, se lhe depara o espectáculo de uma viúva, que, segundo o rito do paiz, levavam a queimar solememente por lhe ter falecido o esposo, tipo indigno, que ella detestava aliás; em Londres, sucede-lhe entrar em uma casa suntuosa onde está um homem estendido na cama, com uma pistola na mão, ferido no peito, morto; a seu lado dois meninos igualmente mortos; Prometheu pergunta se esse homem que se matou e matou os filhos, era vítima de uma grandissima desgraça; não, lhe dizem, era feliz, rico, tinha quanto a sorte pode oferecer de bens. Suicidou-se, assassinou os filhos — naturalmente por spleen... e deixou muito recommendedo a um amigo o seu cão favorito. Taes são as gradações da cultura social.

Se lhe allegavam os adiantamentos d'este século, Leopardi só descobria nelle progresso material e grosseiro; chamava-lhe desdenhosamente *século das máquinas*; e elle pouco mais conhecia que as estradas de ferro; o proprio telegrapho, já inventado, só teve installação definitiva no anno da sua morte; que diria elle hoje, se visse o teléphono, o phonógrapho, o kinetoscopio, o cinematógrapho, e outras tantas invenções que estão transformando os costumes modernos? Não se chegou ainda, entretanto, á construcção das tres máquinas propostas por elle na *Academia dos syllógraphos*: a de um bom amigo, a de um homem magnânimo a vapor, a de uma mulher com todos os dons das mulheres verdadeiras e sem os seus defeitos; isto é, se não me engano, a

lubricidade masculina já tentou algo semelhante a esta ultima experiecia.

Os versos maravilhosamente sarcásticos da *Palinodia* são vergastas zurzindo sem piedade o nosso tempo. Elle, que adorava a Italia, que fervorosamente professou na juventude as doutrinas da politica liberal, põe tambem no seu patriotismo desilludido a nota da ironia, e escreve nos *Paralipomeni della Batracomiomachia* a sátira mais fera contra os liberaes na politanos em luta com os Bourbons.

Quanto ao amor, Leopardi o trata como quem nelle baseou a salvação suprema e achou apenas o supremo desengano. As mulheres, que o não quizeram, elle as reduz, por despeito, á ultima inopia espiritual. Quasi lhes nega a alma. Só uma cousa a torna indulgente, com basta, dose de desprezo, para com os êrrros, o egoismo, a crueldade d'ellas: é a consideração da inconsciencia feminina. Assim se exprime em *Aspasia*:

Raggio divino al mio pensiero apparve,
Donna, la tua beltà. Simile effetto
Fan la bellezza e musicali accordi,
Ch'alto mistero d'ignorati Elisi
Paion sovente rivelar. Vagheggia
Il piagato mortal quindi la figlia
Della sua mente, l'amorosa idea,
Che gran parte d'Olimpo in se racchiude,
Tutta al volto, ai costumi, alla favella
Pari alla donna che il rapito amante
Vagheggiare ed amar confuso estima.
Or questa egli non già, ma quella, ancora
Nei corporali amplessi, inchina ed ama.
Alfin l'errore e gli scambiati oggetti

Conoscendo, s'adira; e spesso incolpa
 La donna a torto. A quella eccelsa imago
 Sorge di rado il femminile ingegno ;
 E ciò che inspira ai generosi amanti
 La sua stessa beltà, donna non pensa,
 No comprender potria. Non cape in quelle
 Anguste fronti ugual concetto. E male
 Al vivo sfolgorar di quegli sguardi
 Spera l'uomo ingannato, e mal richiede
 Sensi profondi, sconosciuti, e molto
 Più che virili, in chi dell'uomo al tutto
 Da natura è minor. Che se più molli
 E più tenui le membre, essa la mente
 Men capace e men forte anco riceve.

Falaria elle de tal modo se alguma correspondesse ao seu amor ? Ali ha mais raiva de namorado sem ventura que placidez de philósoho imparcial. A linguagem de Don Juan, não é, certo, muito diferente d'aquella ; mas Don Juan, typo de libertino, é um infeliz que ignora o amor pela saciedade brutal, como Leopardi o ignora pelo tantálico desejo impotente. O poeta, porém, se amesquinha as mulheres, pelo menos não as avulta nem ultraja nunca ; nem se compraz nos requintes arriscados de physiologia sexual em que Schopenhauer se estende : no fundo, arde por ellas de ternura e paixão.

Em um dos *Pensamentos*, Leopardi confessa que « ninguém está tão completamente desenganado do mundo, nem o conhece tão a fundo, nem lhe tem tanta raiva, que, olhado por elle um momento com benevolencia, com elle não se reconcilie em parte... » Que a sua índole era accessivel á influéncia das consolações exteriores demonstra-o ainda a formosa poesia *Il Risorgimento*. Isso

significa que, se a sorte lhe fosse mais propícia, muito provavelmente as suas theorias seriam menos desoladoras. Quando, pois, elle considera a vida o *sonho de uma sombra*, quando *Filippo Ottonieri*, mero interprete das suas opiniões, declara que a seu ver ocupar-se a gente de cousas futeis ou de cousas importantes, tudo é brincar (*trastullare*) ; quando, no *Canto nocturno di un pastor errante della Asia*, o poeta pergunta se os animaes e as plantas serão desgraçados como os homens e no *Dialogo della Terra e della Luna* decide que « o mal é commum a todos os planetas do universo », Leopardi não faz mais que reflectir na sua propria alma, como em um immenso espelho fantástico, toda a variedade dos seres, todas as formas da criação.

Fratelli, a um tempo stesso, Amore a Morte
 Ingenerò la sorte.
 Cose quaggiù si belle
 Altre il mondo non ha, non han le stelle.
 Nasce dall'uno il bene,
 Nasce il piacer maggiore
 Che per lo mar dell'essere si trova ;
 L'altra ogni gran dolore
 Ogni gran male annulla.

Cantava assim, enquanto o Amor lhe sorria ainda ; dissipado o derradeiro engano, esperou a Morte chmando-a anciosamente. Como ella tardava, a sua misanthropia foi crescendo, e com ella o acerbo humorismo de que nos legou exemplos famosos nos *Dialogos* de Ruysh com as suas meninas, e de um transeunte com um vendedor de almanachs.

Antes, porém, de partir da terra, quiz arrojar á face

do Destino a invectiva suprema do seu desespéro, e traçou com mão já firme e sem palpitações fallazes, neste sombrio poema, o mais enérgico e sublime resumo do pessimismo :

A se stesso

Or poserai per sempre
 Stanco mio cor. Perì l'inganno estremo,
 Ch'eterno io mi credei. Perì. Ben sento,
 In noi di cari inganni,
 Non che la speme, il desiderio è spento,
 Posa per sempre. Assai
 Palpitasti. Non val cosa nessuna
 I moti tuoi, nè di sospiri è degna
 La terra. Amaro e noia
 La vita, altro mai nulla ; e fango è il mondo.
 F'acqueta omai. Dispera
 L'ultima volta. Al gener nostro il fato
 Non donò che il morire. Omai disprezza
 Te, la natura, il brutto
 Poter che, ascoso, a comun danno impera,
 E l'infinita vanità del tutto.

IV

O philósofo não fundou escola no seu paiz ; não teve um cortejo de discípulos semelhante ao de Schopenhauer, onde, capitaneados por Hartmann, desfilam adeptos como Fravenstadt, Taubert et Julius Bahnsen. O clima edénico da Italia não favorece as tenebrosas cogitações do pessimismo ; sob este céu de rutilante esmalte,

entre os castanheiros frondosos, e os laranjaes, em que as flores do noivado se entrelaçam com os frutos de ouro, exhalando um perfume inebriante ao calor do sol meridional, o homem enfeitiçado pela natureza não sonha com o Nirvana ; o sonno em que adormece não é o do desalento extenuado, mas o da volupia satisfeita. Nas brumas do Norte, nos estepes longuíssimos ou nos bosques gélidos de pinheiros, assombrados por uma mythologia encantadoramente trágica, tão diversa da risonha mythologia latina, a flora mórbida e venenosa da negação mais facilmente germina e se alastrá.

O vinho das collinas verdejantes de Nápoles, da Toscana, da Lombardia é pai da jovialidade e da esperança ; não gera pesadelos obscuros, allucinações de desespéro, como esses que produz a cerveja tudesca, a crermos no chímico humorista, que segundo nos conta E. Caro, á espumante bebida atribuía grande responsabilidade no pessimismo alemão... Conjectura aliás infundada, pois que, entre os Francezes, bebedores tambem de vinho suave, a escola de Schopenhauer angariou adeptos. Na Italia Leopardi é uma excepção.

Mas, se ficou isolado o philósofo, o poeta, em compensação, tornou-se logo um *clássico da lingua*, estudado e commentado como Dante, Petrarca, ou Tasso. Justa homenagem, por que as suas qualidades propriamente esthéticas são eminentes.

Aquelle estylo de tanta magia na sobriedade dos traços, mais de uma vez, como eu já disse, lhe grangeou o título de moderno déscendente dos Gregos; aquella pureza de phrase italiana, bebida nas fontes límpidas dos séculos de mais lustre para a patria, lhe marcou logar nobre en-

tre os mestres do idioma. Com tão perfeito instrumento de expressão, o seu lyrismo pode subir e librar-se bem alto sem perder-se em nuvens ou brumas de obscuridade; esse lyrismo, se não tem o impulso sereno e o vasto bater de azas da meditação lamartiniana, ou a potencia objectivadora, a fecundidade por vezes nimia de imagens que enriquecem a ode de Victor Hugo, abrange todavia amplos horizontes, com tal simplicidade e tal grandeza, que sempre encanta e por vezes deslumbra. O *Inno ai Patriarchi*, os cantos a Dante, a Angelo Mai e outros, são como os *Sepolcri*, de Foscolo, e o *Cinque Maggio*, de Manzoni, páginas das mais elevadas e vigorosas da literatura d'este século.

Quanto elle deva ser commovente na elegia, bem o deixa ver a sua tristeza nativa; tristeza não suavemente resignada como a d'esse adoravel Silvio Pellico, mas enotoxicada por um fermento de revolta e recriminação contra o Destino. Nella ha porém, de quando em quando, impressões brandas tambem; como traduz flebilmente a saudade aquelle *Sabato del villaggio!* como nos revela o isolamento, o abandono, na tarde do dia e na tarde da vida, aquelle *Passero solitario!*

Invective embora Leopardi a indifferença cruel da Natureza ante os nossos infortunios; ninguem é mais sensivel que elle ás suas formosuras; ninguem interpreta melhor a docura de uma bella paizagem, ou a influencia calmante que exerce sobre os corações mais feridos a magna placidez do campo e do ceu. Os seus trechos descriptivos são por isso de um colorido vivaz ainda que sabiamente disposto, e, sobretudo, de um extremo poder suggestivo. Cumpre não esquecer, sem dúvida, que

elle não contempla a Natureza como um antigo ; a *anima rerum*, que o poeta romano celebrou, não se concretiza para elle em grupos pagãos de nymphas e faunos ; é algo mais profundo, e symbólico, e mysterioso ; é a solidariedade, que liga os fados do homem aos dos outros seres vivos, cujas queixas dolorosas murmuradas em linguagem confusa, elle se esforça por decifrar.

Eu não entrarei em estereis minucias técnicas ; não irei contando como outros, quantas vezes Leopardi empregou a palavra *verde* ou a palavra *estrélla*; esse método de crítica ha de se concordar que é grotesco... Limitar-me ei a dar alguns dos seus quadros; vede este, da *Vita solitaria* :

La mattutina pioggia allor che l'ale
Battendo esulta nella chiusa stanza
La gallinella, ed el balcon s'affaccia
L'abitator de' campi, e il sol che nasce
I suoi tremoli rai fra le cadenti
Stille saetta, alla capanna mia
Dolcemente picchiando, mi risveglia;
E sorgo, e i lievi nugoletti, e il primo
Degli augelli susurro, et l'aura fresca,
E le ridendi piagge benedico.

Talor m'assido in solitaria parte,
Sovra un rialto, al margine d'un lago
Di taciturne piante incoronato.
Ivi, quando il meriggio in ciel si volve,
La sua tranquilla imago in sol dipinge,
Ed erba o foglia non si crolla al vento,
E non onda incresparsi, e non cicala
Strider, nè batter penna augello in ramo
Nè farfalla ronzar, nè voce o moto

Da presso nè da lunge odi nè vedi.
 Tien quelle rive altissima quiete;
 Ond'io quasi me stesso e il mondo obblia
 Sedendo immoto; e già mi par che sciolte
 Giaccian le membra mie, nè spirto o senso
 Più le commova, e lor quiete antica
 Co'silenzî del loco si confonda.

E este, da *Quietè dopo la tempesta*:

Passata è la tempesta:
 Odo augelli far festa, e la gallina,
 Tornata in su la via,
 Che ripete il suo verso. Ecco il sereno
 Rompe là da ponente, alla montagna;
 Sgombrasi la campagna,
 E chiaro nella valle il fiume appare.
 Ogni cor si rallegra, in ogni lato
 Risorge il romorio,
 Torna il lavoro usato.
 L'artigiano a mirar l'umido cielo,
 Con l'opra in man, cantando,
 Fassi in su l'uscio; a prova
 Vien fuor la femminetta a còr dell'acqua
 Della novella piova;
 E l'erbaiuol rinnova
 Di sentiero in sentiero
 Il grido giornaliero.
 Ecco il sol che ritorna, ecco sorride
 Per li poggi e le ville. Apre i balconi,
 Apre terrazi e logge la famiglia:
 E, dalla via corrente, odi lontano
 Tintinnio di sonagli; il carro stride
 Del passegger che il suo cammin ripiglia.

E este emfim, da *Sera del dì di festa*:

Dolce e chiara è la notte e senza vento,
 E queta sovra i tetti e in mezzo agli orti
 Posa la luna, e di lontan rivela
 Serena ogni montagna. O donna mia,
 Già tace ogni sentiero, e pei balconi
 Rara traluce la notturna lampa:
 Tu dormi, che t'accolse agevol sonno
 Nelle tue chete stanze; e non ti morde
 Cura nessuna; e già non sai nè pensi
 Quanta gioia m'apristi in mezzo al petto.
 Tu dormi; io questo ciel, che sì benigno
 Appare in vista, a salutar m'affaccio;
 E l'antica natura onnipossente,
 Che mi fece all'affanno. A te la speme
 Nego, mi disse, anche la speme; e d'altro
 Non brillin gli occhi tuoi se non di pianto.

Por negativas que sejam as suas tendencias, o genio é sempre uma quantidade positiva: figura no activo de um povo, como capital que, administrado como zélo, lhe augmenta a riqueza e a glória. Isso se verifica também em Leopardi, cujos versos patrióticos, longe de comunicarem a outros o desalento que os enlutava, accenderam no sangue italiano sentinelhas de valore esperança, e, como disse alguém, forneceram legiões de soldados ás guerras da independencia na península.

De resto, se Leopardi, muitas vezes, como philóso-
 pho, capitulou de illusões os mais altos sentimentos e
 actos do homem, como homem quiz partilhar essas illu-
 sões que nobilitam a vida, e por ellas pautou a sua.

Assim a herança moral do autor de *Bruto Menor* é das

que os seus concidadãos podem ostentar com ufania ; e os Italianos bem o comprehenderam, celebrando o primeiro centenario do nascimento de Leopardi como festa verdadeiramente nacional. Eu que, estrangeiro curioso dos factos intellectuaes d'este Paiz, escrevi sob a influencia daquelle commemoração o presente ensaio, terei conseguido o meu intento, se inspirar aos leitores — que de certo conhecem Leopardi ao menos por algumas das suas páginas — o desejo de estudar a fundo o grande Poeta, um dos maiores da Italia — um dos maiores d'este século agonisante.



GARRETT

Neste século os centenarios têm-se multiplicado. Estabelecendo esses periódicos mementos dos seus vultos mais significativos, a Humanidade encontra meios de afirmar muitos princípios e até de reparar muitas injustiças. A alguns que, antes de expirar em leito de misérias, andaram lentamente morrendo no olvido e na desesperança, vai ella hoje enfeitar o túmulo com os verdes louros que despontaram tardios, mas para uma primavera eterna. A outros que, cerrando os olhos, cuidaram amarguradamente ter trabalhado em vão, ter lançado ao vento, no tumulto das épocas ignorantes ou pravas, idéas sem fructo, irrealizaveis chimeras, ella vai levar o testemunho consolador de que as sementes do seu genio porfim cahiram em propício terreno, e desabrocharam em florescencias viçosas, em searas de magnífica uberdade.

Garrett, nascido a 4 de Fevereiro de 1799, não se pode contar entre os maltratados da vida ; se a perseguição política o forçou na mocidade a alguns annos afflictivos de desterro, isso foi sómente uma disposição